

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: VIVÊNCIAS FORMATIVAS NO PIBID

Mariana Rolhano do Amaral ¹
Júlia Bisognin dos Reis ²
Jaime da Rocha Gallardi ³
Roseli Belmonte Machado ⁴

RESUMO

O presente trabalho apresenta um relato de experiência desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), a partir das vivências em uma escola pública estadual especial, evidenciando as contribuições do programa para a formação inicial docente em Educação Física. O objetivo é refletir sobre como o planejamento coletivo, a observação sistemática, os estudos realizados e a intervenção pedagógica contribuíram para a construção de práticas inclusivas e significativas nas aulas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, fundamentada em registros de diário de campo, reuniões pedagógicas e planejamento colaborativo entre bolsistas e professora supervisora. O referencial teórico-metodológico dialoga com a perspectiva crítico-emancipatória da Educação Física escolar, fundamentada em Paulo Freire, ao compreender o ensino como prática dialógica e humanizadora. Fonseca, Silva e Santos (2023) destacam a importância de promover, na Educação Física Escolar, experiências orientadas por uma práxis inclusiva ampla, processual e dialética, sensível aos diversos marcadores socioculturais contemporâneos que atravessam os sujeitos. As intervenções priorizaram metodologias participativas, adaptações pedagógicas e a valorização das vivências corporais dos alunos, respeitando suas singularidades e promovendo o protagonismo estudantil. Os resultados evidenciam que a prática docente coletiva favorece a consolidação de uma Educação Física Escolar crítica, inclusiva e socialmente comprometida com a formação integral dos estudantes, além de fortalecer a segurança pedagógica dos licenciandos. No caso em tela, contribui para ampliar a compreensão da realidade da escola especial.

Palavras-chave: Formação docente, Educação Física escolar, PIBID, Inclusão, Prática pedagógica.

1 Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, mariana_rolhano96@hotmail.com ;

2 Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, julia@gmail.com;

3 Graduando do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, jaimegallardi96@gmail.com;

4 Professora orientadora: Doutora/mestre em Educação. Graduada em Educação Física. Professora no PPGEDU e na Faculdade de Educação Física - UFRGS, robeltmont@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

A formação docente aliada a prática escolar é de suma importância. Segundo Fonseca, Silva e Santos (2025), o aprendizado teórico deve estar alinhado à realidade das escolas, possibilitando assim a compreensão pelo discente das dinâmicas e desafios do cotidiano. Ainda, segundo os autores, “a form(ação) se dá em ciclos de experimentação, reflexão e reelaboração da prática pedagógica, sendo marcada por aprendizagens situadas pelo diálogo com pares, pela experiência e pela problematização das condições concretas do ensino.”(FONSECA; SILVA; SANTOS, 2025).

Através do Programa institucional de bolsa de iniciação à docência (PIBID), utiliza-se os ciclos citados anteriormente como aliados no ensino dos alunos do curso de licenciatura em Educação Física, possibilitando uma potencialização do aprendizado, unindo teoria e prática docente desde o início da vida acadêmica. O PIBID entrou em vigor através da Portaria Normativa nº 16, de 23 de Dezembro de 2009, organizado pela CAPES, vinculado ao Ministério da Educação.

O PIBID na UFRGS decorre desde a primeira edição do programa no ano de 2010, como uma iniciativa contínua de aproximação entre a universidade e a educação básica, proporcionando até hoje uma experimentação à docência. Na atualidade da UFRGS, temos mais de 500 alunos bolsistas de distintos núcleos.

No curso de licenciatura de Educação Física da UFRGS, o programa centra seus estudos e práticas na escola no tema de Educação Inclusiva, principalmente sobre "Interculturalidade e Inclusão", mas também ampliando a outros marcadores sociais, como gênero. Através de reuniões semanais, seminários e reflexões constantes da prática pedagógica, os futuros docentes conseguem aprimorar e fortalecer sua identidade como professores, vencendo obstáculos e aprendendo através da solução de problemas contingentes do cotidiano. O PIBID incentiva a formação de professores para a educação básica, e, neste núcleo que atuamos, aproxima os estudantes de licenciatura da realidade das escolas públicas e das reflexões sobre Educação Inclusiva em uma possibilidade ampliada de trabalho e ação.

Atualmente constam no núcleo Educação Física três escolas públicas em que se dividem igualmente os 24 pibidianos que estão inscritos no edital Capes 10/2024. Duas escolas são de educação fundamental, uma mantida pelo município de Porto Alegre e outra mantida pelo Estado do Rio Grande do Sul. Essas, possuem muitos alunos nomeados como “de inclusão”, uma está localizada em uma área mais central da cidade de Porto Alegre e outra em local mais periférico, ambas possuem infraestrutura e contam com uma grade de dois ou mais professores regentes de educação física. Por último, o edital contou com a



participação de uma escola de ensino fundamental especial, localizada em um bairro central da cidade e que possibilita o trabalho característico do nosso núcleo, que busca uma educação física inclusiva e adaptada para todos.

A educação especial e inclusiva entrou como pauta para o governo nas últimas décadas, com o objetivo de incluir e tornar o ensino universal para todos os alunos. A Educação Inclusiva ganha centralidade no cenário internacional a partir da Declaração de Educação para Todos⁵, que afirma a educação como um direito universal, devendo alcançar todas as pessoas, independentemente de suas condições sociais, culturais ou individuais. Esse movimento é aprofundado pela Declaração de Salamanca⁶, marco fundamental ao defender que as escolas devem acolher todas as crianças, reconhecendo e valorizando suas diferenças, especialmente no que se refere às pessoas com deficiência. No contexto brasileiro, esses princípios são incorporados e ampliados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional⁷, que estabelece a educação como direito de todos e dever do Estado, assegurando o atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino.

A partir desses marcos legais e de outras normativas, a inclusão se consolida como um direito inalienável e, portanto, inegociável, exigindo transformações estruturais nas práticas pedagógicas e nas políticas educacionais. No entanto, pensar a Educação Inclusiva implica ir além da deficiência, ampliando o olhar para outros marcadores sociais que atravessam os sujeitos, como raça, gênero, classe social, territorialidade e cultura. Essa perspectiva reconhece que as desigualdades educacionais são multifatoriais e que a efetivação de uma educação inclusiva demanda o enfrentamento das diferentes formas de exclusão, promovendo não apenas o acesso, mas a permanência, a participação e a aprendizagem de todas as pessoas.

A Educação Especial e a Educação Inclusiva pertencem a compreensões distintas, embora sejam complementares: a Educação Especial constitui uma modalidade de ensino que oferece serviços, recursos e estratégias específicas para estudantes com deficiência, transtornos do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, conforme previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e regulamentado por políticas como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva⁸. Já a Educação Inclusiva é um princípio mais amplo, orientado por marcos internacionais como a Declaração de Salamanca, que defende que todos os estudantes devem aprender juntos, na escola comum,

5 [Declaração Mundial sobre Educação para Todos](#)

6 [Declaração de Salamanca sobre Princípios, Política e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, 1994 - UNESCO Digital Library](#)

7 [LDB_7ed.pdf](#)

8 [5.Livreto5_A5_MRE_PolíticasEducaçãoEspecial.indd](#)



com consideração às diferenças e eliminação de barreiras. Assim, enquanto a Educação Especial organiza apoios específicos, a Educação Inclusiva redefine o sistema educacional como um todo, afirmando a inclusão como direito de todos e dever inegociável das instituições educativas.

Como informado no decreto N°12.686⁹, publicado no Diário Oficial da União, é garantido o direito à educação para pessoas com deficiência, através de um sistema educacional inclusivo e levando em consideração que a educação é um direito universal de todo cidadão. O público alvo da educação especial é constituído por estudantes com deficiências (visual, auditiva, intelectual e motora), transtornos globais do desenvolvimento e pessoas com altas habilidades e superdotação (BRASIL, 2025). Ainda como prevê o decreto, é de direito dos estudantes permanecerem em classes comuns com atendimento especializado e com as interferências necessárias que auxiliem na melhoria do aprendizado.

Ao atuar nessas realidades e, a partir do tema no nosso núcleo, nos interessou, neste trabalho, refletir sobre como o planejamento coletivo, a observação sistemática, os estudos realizados e a intervenção pedagógica contribuíram para a construção de práticas inclusivas e significativas nas aulas.

2. METODOLOGIA

De acordo com Kauark et al. (2010), a pesquisa qualitativa visa o resultado natural da pesquisa, nem sempre sendo necessária a implantação de análises estatísticas, “O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva, os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem”. (KAUARK et al., 2010, p.26). Ainda segundo Guerra et al., (2024), a pesquisa qualitativa possui uma abordagem mais fluida, possibilitando ao pesquisador a liberdade de seguir os passos do trabalho com naturalidade e analisando criticamente as ações realizadas.

Nossa investigação está baseada em relatos de experiência oriundos da pesquisa participante, registrados nos diários de campo, os quais foram fonte das informações. O diário de campo, de acordo com Prado (2005), é um instrumento de suma importância na prática docente. Constitui-se como um instrumento fundamental para o registro e a análise das experiências vivenciadas no ambiente escolar. Isso pois, como Prado (2005, p. 64) coloca, “oferece possibilidades de anotar detalhes minuciosos, sentimentos, emoções e relatos de

9 [DECRETO Nº 12.686, DE 20 DE OUTUBRO DE 2025 - DECRETO Nº 12.686, DE 20 DE OUTUBRO DE 2025 - DOU - Imprensa Nacional](#)



momentos que vivemos”, a partir das observações realizadas nas aulas. Por meio do diário de campo, torna-se possível descrever de forma sistemática os acontecimentos, aliando a observação empírica com as interpretações docentes, desde o desenvolvimento das atividades propostas até às interações estabelecidas com os alunos e os atravessamentos sociais que permeiam o cotidiano escolar.

Esse instrumento favorece o exercício da reflexão sobre a ação. Permite o registro das observações docentes em torno do comportamento dos alunos, bem como das relações entre eles e com o professor, além dos apontamentos sobre as estratégias pedagógicas aplicadas e sobre o desenvolvimento dos alunos ao longo do tempo no que se refere às habilidades motoras. Nesse sentido, colabora para a análise crítica das práticas pedagógicas desenvolvidas, a identificação de aspectos que obtiveram êxito e daqueles que necessitam de aprimoramento, favorecendo o exercício da docência e do seu aperfeiçoamento. Para fins de confidencialidade, os dados extraídos dos diários de campo estarão neste trabalho seguidos das letras A, B e C.

A pesquisa participante caracteriza-se pelo envolvimento do pesquisador com os participantes, segundo Felcher, Ferreira e Folmer (2017), cada um dos envolvidos é pesquisador e pesquisado ao mesmo tempo, as metas da pesquisa não são pré-determinadas, ou seja, ao longo do projeto e das intervenções elas são elaboradas, ressalta-se que esse tipo de pesquisa é um trabalho horizontal, realizado em conjunto, respeitando o ambiente e mostrando o diálogo como uma das ferramentas mais importantes da ação. De acordo com Brandão (1998, p. 43) a pesquisa participante é “a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior”. Junto às professoras e colegas do PIBID, um grupo de estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), acompanhou e realizou as propostas do programa por, aproximadamente, um ano em uma escola estadual de educação especial na cidade de Porto Alegre. Os relatos e experiências que constam neste artigo têm como base o vivenciado e experienciado nesta trajetória. Nos itens que seguem, detalharemos as reuniões de planejamento, os estudos realizados e as intervenções.

2.1 Reuniões e Planejamentos:

As reuniões pedagógicas do PIBID possibilitam aos discentes formular e reformular semanalmente os planejamentos mensais das atividades que serão propostas, auxilia no embasamento teórico através de leituras e seminários apresentados por colegas do programa e discussões pertinentes aos temas da prática pedagógica, das leis e diretrizes nacionais de



educação e dos diversos temas subsequentes que surgem, como interculturalidade e inclusão na educação física.

Conforme apontado por Fonseca e Machado (2015), o planejamento é parte fundamental da aula, proporcionando organização, transformação e manutenção da realidade escolar; ele é um processo transacional e atitudinal proporcionando o desenvolvimento e organização das pessoas envolvidas. Ainda de acordo com as autoras, planejar requer um olhar assíduo ao aluno, sendo a proposta de ação- reflexão- ação, muito importante para a continuidade do trabalho que está sendo executado, nesse modelo o docente tem a possibilidade de refletir sobre a aula realizada e sobre as adaptações que podem ocorrer para as próximas vivências. “Planejar: fazer, projetar, traçar, elaborar, programar, planificar, construir um plano de ação que oriente o processo educativo” (AYOUB, 2005, p.146). Com a possibilidade da escrita dos planos de aula, os conteúdos aprendidos e assimilados durante as reuniões são colocados em prática, de forma viva e dinâmica, é importante ressaltar como afirma Ayoub (2005), que o planejamento além da organização do conhecimento e das ações no tempo, deve ser flexível e interessante para quem está realizando as propostas.

Os encontros semanais com o grupo do PIBID, possibilita uma troca de experiências entre os participantes e conseqüentemente uma troca de ideias para os planejamentos, através das leituras, palestras e experiências práticas no âmbito escolar, são confeccionados os planejamentos mensais das aulas dos pibidianos na escola. Na educação física, realizamos os planejamentos em duplas, procurando assim um consenso em que um auxilie o outro com ideias e propósitos para as atividades trabalhadas, ressalta-se também que as propostas são realizadas com o apoio da professora regente das turmas, que por vezes sugere as temáticas das aulas, para que o nosso trabalho se alinhe com o que já está ocorrendo na escola, possibilitando um alinhamento de propostas.

2.2 Estudos Coletivos

Os estudos coletivos constituíram um espaço fundamental de formação dentro do PIBID, ocorrendo de forma periódica entre bolsistas e professores supervisores. Esses momentos eram organizados a partir da leitura e discussão de textos relacionados à Educação Física escolar e à inclusão, com destaque para autores da perspectiva crítico-emancipatória. As reuniões possibilitaram a troca de experiências, a problematização das práticas vivenciadas na escola e o planejamento colaborativo das intervenções pedagógicas. Nesse processo, teoria e prática se articulavam constantemente, permitindo que os bolsistas refletissem sobre suas ações e ressignificarem suas propostas de ensino.



No âmbito dos estudos coletivos, foram abordadas temáticas fundamentais para a formação docente crítica e inclusiva, tais como Educação para as Relações Étnico-Raciais, práticas corporais indígenas, cultura afro-gaúcha e brincadeiras de matriz africana. Essas temáticas foram trabalhadas por meio de leituras, debates e reflexões coletivas, com o objetivo de ampliar o repertório teórico dos bolsistas e qualificar suas intervenções pedagógicas. Além disso, as discussões estabelecem diálogo com produções da área da Educação Física inclusiva, que ressaltam a importância de compreender os alunos em suas múltiplas experiências no contexto escolar. Nessa perspectiva, a valorização das vivências dos estudantes e a adaptação das práticas pedagógicas configuram-se como elementos fundamentais para a efetivação da inclusão (CHICON; SÁ, 2013).

Nesse sentido, a literatura aponta que o PIBID se configura como um importante espaço de formação inicial, no qual os estudos coletivos assumem papel central na qualificação da prática docente. Conforme evidenciado por Weber et al. (2012), esses momentos contribuem para a construção de uma identidade profissional crítica, ao possibilitar a articulação entre teoria, prática e reflexão pedagógica.

2.3 Intervenções e Prática Docente

Segundo Carvalho e Machado (2016), as experiências das práticas pedagógicas possibilitam uma visão crítica das vivências, mostrando as experiências e desafios reais dos docentes no âmbito escolar. As intervenções pedagógicas foram desenvolvidas considerando as especificidades dos estudantes atendidos pela escola, marcada por um público com diferentes níveis de desenvolvimento motor e cognitivo. A partir disso, o planejamento das aulas priorizou atividades que valorizassem a participação de todos, com foco na inclusão e no protagonismo dos alunos.

Entre as práticas realizadas, destacam-se atividades lúdicas com uso de bolas, circuitos motores e propostas rítmicas com música, que possibilitaram a exploração do corpo e do movimento de forma significativa. As estratégias metodológicas envolveram demonstração, mediação constante dos bolsistas e flexibilização das regras.

Como forma de garantir a participação de todos, foram realizadas adaptações pedagógicas, como a redução da complexidade das tarefas, uso de materiais alternativos e apoio individualizado quando necessário. Essas ações permitiram que alunos com maiores dificuldades também se engajassem nas atividades.

Observou-se que, ao longo das intervenções, houve maior envolvimento dos estudantes, melhora na interação social e ampliação das possibilidades de movimento. Para os



bolsistas, a experiência contribuiu para a construção de uma prática docente mais sensível, reflexiva e alinhada aos princípios da Educação Física inclusiva.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para o professor proporcionar experiências e aprendizados para os estudantes é, de acordo com Larrosa (2018), como se fosse uma viagem, onde o sujeito está conhecendo e experienciado situações que possibilitam a sua formação. Cabe ao docente conduzir com sensibilidade e transformar os conteúdos para o público que o usufruir. ainda segundo o autor (2018), a relação entre professor e aluno deve ir além da transmissão de conteúdos, sendo um espaço de experiência e transformação. O professor cria possibilidades para que o aluno seja afetado pelo conhecimento, enquanto o aluno participa ativamente, atribuindo sentidos ao que aprende. Essa relação é marcada pela escuta, pelo diálogo e pelo respeito ao tempo da aprendizagem.

Como resultado da pesquisa, três tópicos foram identificados como importantes para a formação de futuros docentes através do programa PIBID, a metodologia participativa, as adaptações pedagógicas e a valorização das vivências corporais dos alunos, como citados a seguir.

3.1 Metodologias participativas

Segundo Klanovicz, Silva e Braga (2016), através dos planejamentos em conjunto e também nos momentos de ação (pois no programa atuamos em duplas e também contamos com a presença da professora coordenadora a todo momento), acabamos entrando em consenso para além do planejamento, onde um ajuda ao outro com a condução e decorrer das atividades, com o lidar com os alunos e com a prática docente. O trecho a seguir foi retirado do diário de campo de um dos autores, foi escrito no mês de agosto:

“Foi muito interessante ver as diversas maneiras de trabalho e como a professora sabe manusear e lidar com todos os alunos.” (Autor A)

Aprender na prática, conhecer as diversas metodologias dos professores e criar assim o nosso modo de atuar na docência é possibilitado através dessas trocas de experiências que o PIBID proporciona. Destacamos os relatos:

“Nesse momento, ficamos por alguns minutos na sala dos professores aguardando o próximo horário de aula, e pudemos tomar um café e conversar sobre a escola, os alunos, e o planejamento tanto coletivo das turmas, quanto individual por aluno. E também conhecer um pouco mais as outras pessoas que trabalham na escola.”(autor C)

“Hoje era nosso dia de elaborar o planejamento da aula, nosso tema foi Ginástica, seguindo o que já estava sendo trabalhado pela prof, eu e a minha dupla de planejamento levamos alguns materiais como jump, disco de equilíbrio e disco de rotação.” (Autor A)



“Aula planejada pelos pibidianos com temática de festividades juninas. Gostei bastante de fazer o planejamento dessa aula, pois me remeteu aos meus tempos de colégio quando era aluno. Muitas brincadeiras que eu gostava pude trazer para eles também. Conversei bastante com uma colega pibidiana, fizemos juntos e chegamos inclusive a confeccionar alguns materiais. Eu fiquei responsável pela pescaria. A vara de pescar fiz com o cabo de madeira de um ‘mata-mosca’, fita isolante e a ponta foi feita com um cabide, além das cenouras de papelão que fiz os desenhos, os recortes e a pintura. A colega fez a boca do palhaço e algumas bolinhas com fita crepe.” (autor C)

O trabalho realizado em duplas possibilita uma troca maior de experiências, onde um consegue colaborar com o outro e ampliar o repertório de atividades, de acordo com os relatos abaixo, é possível perceber que materiais externos também foram ofertados aos alunos, ou seja, não é necessário limitar-se apenas pelo que a escola oferece (Klanovicz, Silva e Braga, 2016).

3.2 Adaptações pedagógicas

Os relatos a seguir, vieram dos diários de campo de pibidianos que trabalharam em uma escola de educação especial, local onde viram a urgência e necessidade de adaptações pedagógicas frequentes nos planos de aula, como afirmam Chicon e Sá (2013), às limitações no campo intelectual, necessitam atenção, as crianças precisam de um olhar mais aguçado as suas necessidades e interesses. A adaptação e confecção de materiais específicos para o trabalho na inclusão escolar, foi uma proposta que possibilitou a participação da maioria dos estudantes.

“Nesta segunda nós Pibidianos deveríamos aplicar nosso planejamento para as turmas 5D, 5G, 5F, 3E, a professora regente vinha trabalhando esportes de rede e parede com a turma a 2 semanas e nós seguimos nesse planejamento com propostas de atividades diferentes mas com o mesmo tema. Com essa ideia principal montamos raquetes de mão para os alunos praticarem individualmente, em duplas, trios, com diversas bolas, incluindo balões e petecas”. (autor A)

Adaptações de ambiente, de horário, de modo de atuação do professor também devem ser levadas em consideração quando falamos de educação especial. “O uso de hábitos como filas para deslocamento, o agrupamento em círculo e o relaxamento final após a aula, se tornaram meios de rotina para as crianças, dando segurança às mesmas” (FONSECA, SILVA E SANTOS, p.221, 2025). A rotina é algo muito importante para as crianças, qualquer mudança pode gerar inseguranças e a necessidade de uma readaptação que pode durar meses ao ambiente escolar, como é o caso descrito abaixo:

“Essa segunda semana de observação, tivemos uma mudança nos horários por conta de um aluno. Ele é de uma turma equivalente ao 3º ano do fundamental. Ele é um menino que possui alguma síndrome ou deficiência intelectual, morador de um abrigo e já foi diversas



vezes adotado e devolvido. Ele tem crises frequentes e é um caso bem complicado de se trabalhar. Por conta de sair mais cedo da aula, estava perdendo a educação física e estava ficando mais nervoso.” (AUTOR B)

As mudanças de espaço e rotina interferem no decorrer das atividades, impossibilitando por vezes as adaptações pedagógicas. Respeitar os limites dos alunos nesses momentos é um fator importante pois além do respeito com o ser humano que está ali, deve-se pensar no resto da turma que está realizando as atividades, a desregulação de um pode proporcionar o mesmo com os demais.

3.3 Valorização das vivências corporais dos alunos.

Para Fonseca, Silva e Santos (2025), a diversificação de conteúdos, o respeito e atenção às necessidades dos alunos, é considerado uma estratégia pedagógica potencializadora, onde a participação e inclusão de todos é possível. “Nesse sentido, enfatizamos que todo o processo pedagógico pautado pela perspectiva inclusiva é reflexivo e não dicotômico” (FONSECA, SILVA E SANTOS, p.24, 2025).

“interagir bem com as atividades e propostas, o mais interessante desse dia foi que eles criaram a sua própria atividade com base no que estávamos trabalhando, um aluno pegou 2 raquetes de mão e fingiu ser um goleiro enquanto os outros colegas lançavam bolas com as raquetes com o objetivo de acertar o gol. Eles adoraram essa atividade e ficaram o resto da aula realizando ela, por mais que tentássemos realizar outras atividades, todos eles queriam ficar na atividade criada pelo colega.”(autor A)

A experiência do PIBID em uma escola de educação especial, possibilita o conhecimento teórico e prático sobre como é o “estar na escola”. Podemos sentir e perceber os desafios da docência, compreendendo desde o início que ser professor não é somente sobre conteúdo e rendimento, que os sentimentos, vivências e experiências pessoais dos alunos influenciam e têm importância para o meio escolar.

“Estávamos com a turma do primeiro período, com crianças em torno de 10 a 11 anos. Um fato que me marcou muito foi o de uma aluna, que tinha o sonho de andar no escorregador, mas nunca tinha andado por medo. A professora a acompanhou, incentivou e conseguiu fazer com que ela andasse, superando esse medo. Depois, no recreio, a menina ficou esperando novamente pela professora para ajudá-la. Ela chegou a dizer uma frase que me chamou muito a atenção: “Ah, professora, eu fui na pracinha uma vez quando eu era criança.”(autor B)

“Isso impacta porque ela ainda é uma criança, mas mostra como muitos pais não conseguem lidar com essa rotina, seja por medo, preconceito da sociedade ou falta de preparo do espaço público para receber essas pessoas” (autor B)

Compreender que além de alunos, existe uma criança e uma família que os acompanha, é muito importante. As crenças e dificuldades encontradas por essas famílias



muitas vezes as impossibilita e restringe ao fazer as atividades diárias e de lazer, como é o caso citado no relato abaixo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar as contribuições das experiências no âmbito do PIBID para a formação inicial em Educação Física, com foco nas intervenções pedagógicas e nos estudos coletivos em uma escola especial. As vivências evidenciaram a importância da articulação entre teoria e prática, destacando o uso de metodologias participativas, adaptações pedagógicas e a valorização das vivências corporais dos alunos como elementos centrais para uma prática inclusiva. Os estudos coletivos, por sua vez, mostraram-se fundamentais para a reflexão crítica, a troca de experiências e o planejamento colaborativo.

Os resultados evidenciam que a prática docente coletiva favorece a consolidação de uma Educação Física Escolar crítica, inclusiva e socialmente comprometida com a formação integral dos estudantes, além de fortalecer a segurança pedagógica dos licenciandos. No caso em tela, contribui para ampliar a compreensão da realidade da escola especial e da educação inclusiva.

Como afirma Larrosa (2018), educar é uma experiência semelhante a uma viagem, onde através das experiências vivenciadas os alunos, o pensamento crítico e os futuros professores vão se formando. Através da experiência no PIBID podemos testar, refazer e testar novamente, conhecendo diversos modos de atuar e aumentando nosso repertório de propostas, possibilitando que nos tornemos profissionais confiantes e experientes para a prática.

REFERÊNCIAS

AYOUB, Eliana. Narrando experiências com a educação física na educação infantil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas**, v. 26, n. 3, p. 143–158, maio 2005.

BRANDÃO, C. R. (1998). Participar-pesquisar. In: Brandão, Carlos Rodrigues (org). *Repensando a pesquisa participante*. 3 ed. São Paulo: **Brasiliense**.



BRASIL. Decreto nº 12.686, de 20 de outubro de 2025. Institui a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva e a Rede Nacional de Educação Especial Inclusiva. **Diário Oficial da União: seção 1**, Brasília, DF, 21 out. 2025.

CARVALHO, R. M. de A.; MACHADO, A. B. Os impactos do PIBID na formação de professores de educação física para a educação de jovens e adultos. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 57-67, set. 2016.

CHICON, J. F.; SÁ, M. G. C. S. A autopercepção de alunos com deficiência intelectual em diferentes espaços-tempos da escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 373–388, 2013.

FELCHER, C. D. O.; FERREIRA, A. L. A.; FOLMER, V. Da pesquisa-ação à pesquisa participante: discussões a partir de uma investigação desenvolvida no Facebook. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 12, n. 7, 2017.

FONSECA, D. G.; MACHADO, R. B. *Educação física: (re)visitando a didática*. Porto Alegre: **Sulina**, 2015.

FONSECA, M. P. S.; SILVA, S. O.; SANTOS, M. L. M. (org.). *Possibilidades de diversificação de conteúdos na perspectiva inclusiva: um diálogo com os marcadores sociais da diferença na Educação Física escolar*. 1. ed. Araucária, PR: **Editora Sorian**, 2025.

GUERRA, A. L. R.; STROPARO, T. R.; COSTA, M. C.; CASTRO JÚNIOR, F. P.; LACERDA JÚNIOR, O. S.; BRASIL, M. M.; CAMBA, M. Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. **Revista de Gestão e Secretariado – GeSec**, São José dos Pinhais, v. 15, n. 7, p. 1-15, 2024.

KLANOVICZ, J. M.; SILVA, L. O.; BRAGA, T. M. (org.). O que aprendemos quando ensinamos Educação Física?: relatos de experiência do estágio de docência na Educação Infantil. Porto Alegre: **ESEFID/UFRGS**, 2016.

KAUARK, F. et al. **METODOLOGIA DE PESQUISA: UM GUIA PRÁTICO**. Bahia: **Editora Via Litterarum**, 2010.

LARROSA, J. P DE PROFESSOR. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: **Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico**, 2018.

PRADO, P. D. (Org.). Por uma Cultura da Infância: metodologias de pesquisa com crianças. 2. ed. **Campinas**, SP: Autores Associados, 2005. p. 19-47.

WEBER, K. C.; ALMEIDA, E. C. S. de; DA FONSECA, M. G.; BRASILINO, M. das G. A. Vivenciando a prática docente em Química por meio do Pibid: introdução de atividades experimentais em escolas públicas. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, [S. l.], v. 8, n. 2, 2012.

